

Mundo das Aves

O longo caminho para salvar uma espécie

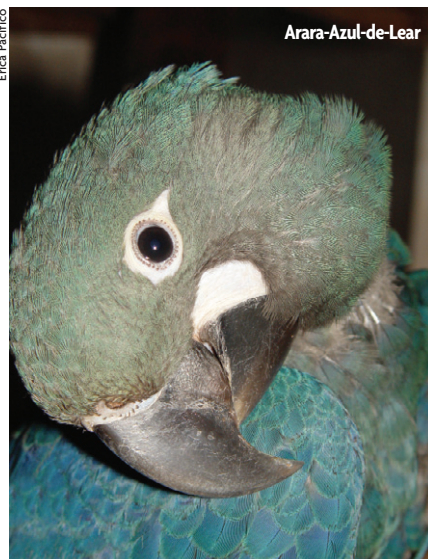
A conservação da Arara-Azul-de-Lear na Caatinga baiana é um exemplo da importância da união do governo com o setor privado e a comunidade e da interação entre diferentes áreas do conhecimento

Por LUÍS FÁBIO SILVEIRA

Considerada por muito tempo uma das aves mais raras da região neotropical, a Arara-Azul-de-Lear (*A. leari*) teve uma história envolta em mistério até o final da década de 1970. A espécie foi descrita em 1856 com base em uma ave morta em 1829, que se encontra até hoje conservada no Museu de História Natural, de Paris. Ela tem as penas de uma asa cortadas e as da cauda desgastadas, sinal de vida em cativeiro. E sua indicação da procedência é, na verdade, uma dúvida: "Brésil?" Já em alguns dos outros exemplares pertencentes a museus europeus e norte-americanos, a informação de procedência era afirmativa, sem deixar de ser lacônica: "Brasil".

Rumores mais confiáveis sobre a região de onde poderiam ter vindo aquelas Araras-Azuis-de-Lear e outras vendidas para zoológicos surgiram apenas na segunda metade do século XX, a partir da fotografia de um

exemplar cativo, tirada no interior da Bahia por Olivério Pinto, curador da seção de aves do Museu de Zoologia da USP. Já era um começo.



Arara-Azul-de-Lear

Érica Pacifico

Paredões de arenito: neles a Arara-Azul-de-Lear se reúne em grandes bandos



Érica Pacifico

Houve também alguns casos de Araras-Azuis-de-Lear que apareceram em cativeiro no Brasil e no exterior, oriundas do tráfico de animais silvestres, o qual, como esperado, não revelou de onde as retirava. O mistério só foi desvendado em 1978 pelo ornitólogo germânico-brasileiro Helmut Sick e sua equipe, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Eles encontraram as primeiras Araras-Azuis-de-Lear no interior da Bahia. Sick considerou que a descoberta foi uma uma das maiores da sua prodigiosa carreira. Estimou que restavam aproximadamente 60 indivíduos sobreviventes na região e classificou aquele caso, em relação ao bioma Caatinga e ao Brasil, como um dos mais notáveis de endemismo (limitação dos animais a uma área restrita).

Infelizmente, o mercado ilegal se aproveitou da descoberta. Intensificou a captura para atender principalmente criadores de aves, procura que se tornou constante. A maioria dos exemplares, coletada adulta e habituada a comer principalmente cocos de licuri, dificilmente se adaptava às poucas opções de ração da época. O risco de rápida extinção era enorme.

Ressurgimento

Um amplo conjunto de medidas mudou o rumo dessa conturbada história. Houve o aumento da fiscalização, a compra de algumas áreas onde as Araras se reproduzem, a criação de unidades de conservação e o estudo da espécie na Natureza, feito por instituições governamentais e não governamentais.

Encontrar novas áreas de ocorrência da Arara-Azul-de-Lear foi uma das primeiras iniciativas. Outra foi a realização de um censo nos locais onde a espécie dorme e se reproduz, sob coordenação do Centro Nacional de Pesquisa para Conservação das Aves Silvestres (Cemave), órgão do governo federal que centraliza a maior parte das pesquisas sobre essa Arara. O fato de a Arara-Azul-de-Lear se reunir em grandes bandos em paredões de arenito, às vezes com centenas de exemplares, facilita a contagem.

Estudos procuram determinar com maior precisão quais são os itens alimentares con-

sumidos pela espécie e em qual proporção, já que a palmeira dos cocos de licuri perdeu muito espaço – suas mudas são predadas por rebanhos de gado.

Desdobramento muito interessante foi o projeto inédito no Brasil, financiado pela Parrots International em conjunto com a Fundação Lymington e executado pelo Cemave, que visa a ressarcir prejuízos causados pelas Araras. Agora, quando um

apoio da Fundação Biodiversitas e do Zooparque Itatiba, consiste em medir os tamanhos, as profundidades e as temperaturas dos ninhos e em pesar os ovos e os filhotes. Faz parte também acompanhar o desenvolvimento da plumagem e das taxas de crescimento das aves. Com o objetivo de tornar possível a identificação dos exemplares, caso venham a ser capturados um dia, os filhotes recebem anilhas fecha-

Tráfico

Exemplares recuperados de traficantes de aves são hoje mantidos em alguns zoológicos e criadouros parceiros do Ibama/ICMBio. Mas, infelizmente, o tráfico parece continuar, apesar de o ritmo ser aparentemente menor. O notável e persistente interesse em obter ilegalmente Araras-Azuis-de-Lear, demonstrado por alguns “criadores” (se é que o



Rapel: técnica para acessar os ninhos



Ninhos da Arara-Azuis-de-Lear: muitas vezes a mais de 100 metros do solo



Érica Pacifico estuda filhote de Arara-Azuis-de-Lear

pequeno agricultor tem a plantação de milho atacada por essas aves em busca de alimento, em vez de abatê-las ou feri-las seriamente, pode receber em milho o equivalente ao prejuízo. Com isso, diminuíram bastante os casos de agressão às invasoras.

Reprodução


Mais uma iniciativa importante foi o estudo sobre a reprodução da espécie, que nidifica em vãos situados muitas vezes a mais de 100 metros do solo, em paredes de arenito. Para chegar neles, a bióloga Érica Pacifico e sua equipe acessam os ninhos com o auxílio de técnicas de rapel. O trabalho, patrocinado pela Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, com

das e microchip, além de serem coletadas amostras do sangue deles.

Saber mais sobre a biologia reprodutiva da Arara-Azuis-de-Lear é um parâmetro básico para avaliar o crescimento da população, entre outros aspectos. Os muitos dados novos obtidos por Érica são importantes também para auxiliar diretamente os projetos de conservação, tanto na Natureza quanto em cativeiro.

Como resultado de todo esse esforço, a contagem de 2008 constatou a existência de 960 Araras-Azuis-de-Lear. A recuperação está sendo possível graças à união entre governo e terceiro setor, com o envolvimento da comunidade e a realização de pesquisas com foco claro.

termo possa ser aplicado a essas pessoas), para enfeitar seus aviários e alimentar seus egos, é digno de estudos de psicopatologia.

Deve ser preservado o espetáculo de centenas de Araras chegando aos seus dormitórios no final da tarde, um sinal das riquezas, dos mistérios e do muito que ainda temos que aprender sobre a Caatinga e seus animais, plantas e pessoas. 

Luis Fábio Silveira é professor do Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo, com doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia); curador associado das coleções ornitológicas Museu de Zoologia da USP; editor-chefe da Revista Brasileira de Ornitologia; membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO); pesquisador associado da World Pheasant Association (UK); autor de oito livros sobre aves e de dezenas de artigos científicos publicados.